

“QUEM SOU EU PARA LHE DIZER QUE DESISTA DO JIHAD?

EU VIVO O JIHAD EM MIM MESMO”¹

TIMBUKTU

Drama (França e Mauritânia), 96 min., mai. 2014

Árabe, francês, tamasheq e bambara

Direção: Abderrahmane Sissako

Cinematografia: Sofian El Fani

Produção: Sylvie Pialat

Resenha por Natalia Nahas Carneiro Maia Calfat²

“Timbuktu” relata a história de Kidane (Ibrahim Ahmed aka Pino) um pastor de gado que habita pacificamente as dunas de Timbuktu, no Mali, com sua esposa Satima (Toulou Kiki), sua filha Toya (Layla walet Mohamed), e Issan (Mehdi Mohamed Ag), um pastor de doze anos. Os habitantes da cidade de Timbuktu sofrem, impotentemente, sob o regime de terror imposto pelos jihadistas que estão determinados a controlar a fé e a vida da população. Música, risos, cigarros e futebol foram proibidos. As mulheres são obrigadas a usar o véu, meias e luvas, e os homens a trajarem calças curtas. A população é penalizada, mas resiste com dignidade a cada dia que novos tribunais improvisados emitem sentenças trágicas e absurdas. Kidane e sua família são aparentemente poupados da realidade que reina em Timbuktu, mas seu destino mudará de forma abrupta quando Kidane se vê envolvido em uma disputa pela morte de um de seus gados por um pescador local.

O filme ganhou sete prêmios Cesar no Festival de Cannes em 2014, incluindo o de melhor filme, e uma indicação ao Oscar de melhor filme estrangeiro. Com a direção de

¹ Frase proferida pelo Iman em uma das mesquitas de Timbuktu, em seu diálogo com um dos jihadistas ao entrar na mesquita desrespeitando rituais religiosos locais. O excerto completo é pormenorizado na página 7 desta resenha.

² Natalia Nahas Carneiro Maia Calfat é bacharel em Ciências Sociais pela Universidade de São Paulo, pós-graduada em Política e Relações Internacionais pela Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo, mestranda no programa de Ciência Política da Universidade de São Paulo e membro integrante do Grupo de Trabalho sobre Oriente Médio e Mundo Muçulmano da FFLCH-LEA USP.

Abderrahmane Sissako, um dos cineastas africanos mais importantes da atualidade, “Timbuktu” delinea o drama de uma família e de uma cidade destruídas pelo fanatismo e pela violência; oscilando entre a esperança e o desespero.

A calma e beleza de “Timbuktu” é o que fazem deste trabalho de Sissako especialmente impactante e atraente. Outros tantos filmes fazem uma campanha mais agressiva e gráfica contra o fundamentalismo islâmico e seu disparate, mas “Timbuktu” é essencialmente um filme calmo e belo, e é isto que torna a obra memorável e poderosa. De acordo com o crítico de filmes Peter Bradshaw, esta representação complexa do conflito concede a “Timbuktu” uma autoridade moral em virtude desta expressão ser feita com tanta graça e cuidado (BRADSHAW, 2015).

O diretor e cineasta mauritânio Sissako declara ter sido inspirado pelo apedrejamento público de um casal de namorados em 2012 na cidade de Aguel'hoc, no nordeste do Mali. O casal manteve relações conjugais e teve dois filhos fora dos laços matrimoniais, o que foi condenado pela polícia islâmica local. Em janeiro de 2013 uma grande parte do norte do Mali estava sob o controle do grupo jihadista Ansar Eddine (Defensores da Fé) e sob do domínio da lei islâmica, conforme interpretada pelos jihadistas. O grupo, ligado à al-Qaeda no Magrebe Islâmico (AQIM), impôs uma severa interpretação da sharia sobre a população local. Em Timbuktu, adúlteros eram apedrejados, mulheres foram obrigadas a usar o véu em público, forçadas ao casamento e sequestradas, ladrões foram mutilados. Sítios religiosos e do Patrimônio histórico Mundial foram destruídos por serem considerados idolatria. Uma vez uma das democracias mais promissoras da região (MALI...2015) o Mali ruiu em desespero em apenas seis meses e o governo se viu impotente em face da ocupação (MALI...2012). Os grupos islâmicos fundamentalistas estavam firmemente no controle da região, inclusive de Aguel'hoc.

De acordo com a UNESCO, somente em Junho de 2012, combatentes ligados à Al-Qaeda no Magrebe Islâmico destruíram 16 mausolés históricos no norte de Timbuktu, que remontam a sua idade de ouro como um centro econômico, intelectual e espiritual nos séculos XV e XVI (TUAREG..., 2015). **A cidade** é localizada a cerca de 1.000 quilômetros a nordeste de **Bamako**, capital do **Mali**. Uma rebelião separatista tuaregue desencadeou um golpe de Estado no Mali em Março de 2012 por soldados descontentes e oprimidos, e o caos que se sucedeu permitiu que nômades do deserto e islâmicos

lutando em seus flancos tomassem controle momentâneo do vasto e árido no norte do país naquele mesmo ano (TUAREG..., 2015).

Separatistas tuaregues seculares contaram com ajuda de grupos armados de orientação islâmica para conquistarem o norte do Mali em sua insurgência contra o governo. Contudo, após a conquista da região, em Abril de 2012 – mesma data da tomada de Timbuktu - e da declaração (não-reconhecida) da independência de Azawad, o Movimento Nacional para a Libertação de Azawad (MNLA) entrou em conflito e rompeu com os grupos islâmicos, perdendo o controle das principais cidades em Julho deste mesmo ano. A entidade política declarada de Azawad não foi reconhecida por nenhuma das nações locais tampouco pela comunidade internacional, entrando em colapso três meses depois em 12 de Julho de 2012. Grupos islâmicos extremistas como o Ansar Eddine, que iniciaram suas operações no Mali em Março de 2012, são responsáveis pela fuga de muitos cristãos do país, além de inúmeros crimes de guerra, contra o patrimônio histórico e contra a humanidade. Adicionalmente, opõem-se à orientação sufista, tradição entre os tuaregues.

Em 28 de Janeiro de 2013 as tropas do governo francês e do Mali iniciaram a retomada de Timbuktu dos rebeldes islâmicos. 1.000 soldados franceses e 200 soldados malianos retomaram Timbuktu sem luta, vez que os grupos islâmicos já haviam fugido para o norte, alguns dias antes, não sem antes atearem fogo ao Instituto Ahmed Baba, que abrigava diversos manuscritos históricos importantes (DIARRA, 2013). Os separatistas tuaregues passaram então a apoiar o governo do Mali e a intervenção francesa. Desde então, as forças aéreas francesas têm auxiliado as forças terrestres do Mali a perseguirem os rebeldes restantes e a expulsá-los do centro da cidade. Os grupos de orientação islâmica [Ansar Edinne, al-Qaeda no Magrebe Islâmico (AQIM) e o Movimento pela Unidade e Jihad na África Ocidental (Mujao)] atualmente combatem as tropas do governo auxiliadas pela França e promovem ataques terroristas pontuais. Ainda em 2015 ataques foram reportados em Bamako, Kidal, Gao, Nara, Sévaré e em Gaberi, na região de Tombouctou. Ainda que a intervenção francesa possa ser contestada como proteção de seus interesses na região, não se estendendo a conflitos vizinhos, ela foi capaz de liberar Timbuktu dos jihadistas – mesmo que a realidade em Kidal, Gao e também em Timbuktu ainda seja de abuso e opressão.

De acordo com o relatório mais recente da Human Right's Watch, enquanto o Mali se estabilizou desde o conflito armado de 2012-13, vastas regiões do norte continuam a

ser “atormentadas por ilegalidade desenfreada e violência tanto das forças pró quanto anti-governo” (WORLD..., 2015). Instituições do Estado de direito são fracas em todo o país, em parte devido às práticas de corrupção e dos recursos inadequados para o sistema de justiça criminal. A corrupção endêmica em todos os níveis de governo impede o acesso pelos malianos a cuidados básicos de saúde e educação. De acordo com o relatório, apesar de ter sido registrada uma diminuição nos abusos por parte das forças de segurança do Estado, as autoridades do Mali fazem pouco esforço para investigar e responsabilizar os envolvidos em abusos graves durante o recente conflito armado (WORLD..., 2015).

Para o senegalês Hamidou Anne, especialista em Relações Internacionais africanas e membro do *think tank* africano Terangaweb, a coalizão dos três últimos grupos de orientação islâmica (Ansar Edinne, al-Qaeda no Magrebe Islâmico e Movimento pela Unidade e Jihad na África Ocidental) possuem interesses econômicos e políticos envolvidos. Ele argumenta:

A religião é só um pretexto. Muitos desses dirigentes não creem mais no que pregam, o que realmente querem são duas coisas: desenvolver uma ideologia marcada por uma série de violações de direitos humanos, sob desculpa da sharia; mas também prosperarem através de uma economia ‘do mal’, baseada em sequestros, contrabando de cigarros e tráfico de drogas. E depois pregam o islã, o que lhes fornece recursos para colocarem na prática seu projeto totalitário (ANNE, 2013, apud NOVAES, 2013)

Anne faz uma análise da apropriação do discurso religioso por terroristas islâmicos que pode perfeitamente ser transferida para outros grupos de atuação na região, como o caso do Boko Haram na Nigéria e mesmo do Estado Islâmico do Iraque e de el-Sham (ISIS)³. O analista também lembra que as principais vítimas desses conflitos têm sido os próprios muçulmanos. (NOVAES, 2013)

Para a Human Right’s Watch, ao longo do ano de 2014, grupos armados ligados a Al-Qaeda, juntamente com grupos Tuaregues e movimentos árabes (alguns deles buscando autonomia) aumentaram drasticamente seus ataques a soldados malineses e a forças neutras de paz, e, em menor medida, a ajuda humanitária e a outros civis. Grandes áreas de território estão desprovidas de autoridade estatal, o que levou a um aumento significativo do banditismo por homens armados não identificados. Pouco progresso foi

³ Para mais informações sobre a apropriação da narrativa religiosa pelo discurso violento, sobretudo pelo autoproclamado Estado Islâmico, ver nosso trabalho anterior “*O Estado Islâmico do Iraque e do Levante: Fundamentos Políticos à Violência Política*” in: Rev. Conj. Aust., Porto Alegre, v.6, n.31, p.6-20, ago./set. 2015.

feito para que se chegasse a uma solução negociada, se promovesse a justiça pelos abusos, ou para que se enfrentasse os desafios de desenvolvimento, a reforma do setor da segurança ou o desarmamento dos combatentes do norte, alerta o relatório (WORLD..., 2015). A ONG sinaliza importantes desafios na região a serem endereçados e que constituem a própria causa de ascensão destes grupos: vácuo e ineficiência estatal, corrupção endêmica, problemas de desenvolvimento, sentimentos de injustiça e de cassação de direitos e anomia social.⁴

Sissako, ao ser provocado, arrisca uma explicação para o crescimento de movimentos jihadistas: desespero, que não afeta só muçulmanos, mas também a juventude ocidental, frustração e fraqueza. A guerra, diz Sissako, deve ser por igualdade de oportunidades e por justiça (SISSAKO, 2015).

Chamada de "Cidade dos 333 Santos", em Timbuktu os mausoléus foram construídos para homenagear santos falecidos que foram considerados piedosos, grandes humanistas e estudiosos de seu tempo - mas as edificações eram consideradas blasfêmias pelos grupos armados. Por volta de 4.000 manuscritos foram perdidos, roubados ou queimados durante a tomada, e outros 10.000 foram descobertos em condições de armazenamento inadequadas (TUAREG ..., 2015). No entanto, 370.000 dos pergaminhos de valor inestimável foram contrabandeados para Bamako em 2012 para protegê-los dos grupos armados, e arquivistas na capital do Mali estão agora meticulosamente classificando e digitalizando-os. Em 2014 o corpo cultural da ONU, a UNESCO, começou a reconstruir Timbuktu juntamente com esforços do governo do Mali e outras organizações internacionais. O projeto de reconstrução de US\$ 11 milhões se baseia fortemente de métodos tradicionais de construção e de conhecimento cultural local (TUAREG..., 2015). Quatorze mausoléus destruídos em 2012 já foram recuperados pelas Nações Unidas (TIMBUKTU...2015).

De acordo com diretor de "Timbuktu", Abderrahmane Sissako, o Islã foi sequestrado pelo jihadismo, e não existem duas formas de islã: uma pacífica e outra violenta. Para o cineasta somente existe um islã e ele certamente não é aquele que os jihadistas proclamam. Sissako descreve o Islã como amor, perdão e compaixão, não violência. Como cineasta muçulmano, Sissako que vê obrigado e responsável a desconstruir uma percepção de islã violento. O filme busca então mostrar, declara Sissako, o que é o verdadeiro islã, o humanismo e a tolerância, o compartilhamento de

⁴ Mais sobre esta temática ver também CALFAT, 2015, idem.

valores universais, na medida em que a própria Timbuktu é feita como refém e sequestrada pelos jihadistas (SISSAKO, 2015).

“Timbuktu” retrata a agressão paulatina fruto da imposição dos terroristas islâmicos, nas pequenezas diárias, o fanatismo e o filisteísmo dos jihadistas; mas ao mesmo tempo representa uma quietude gentil e delicada. O filme tem algo de adorável e gracioso ao mesmo tempo em que é brutal e cruel. Retrata a rica diversidade de tradições sendo assolada por radicais extremistas frequentemente de fora do Mali - o que pode ser percebido na muitas vezes frequente dificuldade de comunicação entre si e com a população local. Além de detalhar a destruição e deterioração do Mali que tem uma tradição humana liberal e tolerante. Conforme descreve Peter Bradshaw, o drama gira em torno da morte de uma vaca, chamada carinhosamente pela família de Kidane de “GPS”, que é o próprio *“símbolo apropriado para um país que perdeu o seu caminho”* (BRADSHAW, 2015).

É revelador o fato de que por vezes nenhum dos lados é capaz de ser entendido. Em Timbuktu a população local fala Tamasheq, uma das variedades da língua Tuareg, e Bambara, língua franca do Mali falada por cerca de 80% da população. Ao passo que os jihadistas, vindos do exterior, em sua maioria falam o árabe, mas também inglês e francês. Isto torna toda a situação ainda mais absurda, na medida em que o Songhai, língua nativa do Mali desde a época do Império Songhai, será considerada como uma linguagem profana; assim como a produção artística e cultural local⁵.

“Timbuktu” também revela hipocrisia, insensatez e mediocridade – patentes quando o jihadista Abdelkrim desaparece em intervalos regulares para fumar um cigarro, na proibição do futebol por jihadistas obcecados por ele, e na oposição à tecnologia por extremistas visivelmente consumistas. Factualmente, apontam especialistas, a al-Qaeda no Magrebe Islâmico é acusada de fazer uso de métodos como sequestros, tráfico de armas e de cigarros, extorsões e lavagem de dinheiro. “Timbuktu” também revela incoerência, como no monólogo sob a gravação de uma câmera no que parece um vídeo propagandístico no qual um rapaz, com patente desajeito e desconforto, fala sobre como virou as costas para o rap e para uma vida de pecado.

⁵ Uma das importantes cenas do filme retrata um dos jihadistas tentando conversar em um árabe sofrível com outro militante, que o critica por “falar um árabe horrível”. Esta passagem de certa forma demonstra a tentativa dos jihadistas de se apropriarem da língua como uma tentativa de adquirir status, legitimidade e poder. Agradeço ao colega Ariel Finguerut por ter ressaltado este ponto em sua revisão desta resenha.

“Timbuktu” mostra raiva, choque e horror, mas igualmente entra na mente de todas as personagens, mesmo na do agressor. Na verdade, uma das qualidades mais notáveis do filme é o quanto ele traz de humanidade às personagens jihadistas, comenta Jeremy Mathews. Abdelkrim (Abel Jafri), mais proeminente implementador da lei fundamentalista na cidade, é um hipócrita, “*mas suas fraudes e inconsistências parecem mais fraquezas cativantes que monstruosidades*”. Suas pausas secretas para fumar e seus avanços em direção às mulheres casadas exalam um capricho e humor absurdos (MATHEWS 2015). O poder emocional provocado pela ocupação jihadista em Timbuktu já seria em si suficiente para provocar empatia no público. Mas ao expor o elemento humano por trás dela, Sissako cria um senso mais profundo com respeito às pessoas comuns por trás destes eventos. “Timbuktu” fala sobre ocupação, resistência, extremismo e acima de tudo sobre humanos, incluindo aqueles jihadistas, em toda a sua complexidade moral. Nas palavras do diretor:

Não somente eu rejeito todas as formas de barbárie, [mas] eu também quero acreditar que os seres humanos responsáveis por algo ruim têm a capacidade de se redimirem. Isto é fé. Não podemos negar humanidade. Um ato é desumano, mas é sempre feito por alguém semelhante a nós em uma maneira. [...] O filme tem como objetivo denunciar todas as formas de barbárie e os esforços para encobrir a verdade. Essas pessoas são condenadas por causa do que elas fazem. Mas eu lhes dei alguma humanidade, porque se você não fizer isso, o risco é que você perca a sua própria humanidade. Eu reconheço que eu os retrato como por vezes desajeitados porque eu olho para o indivíduo. Em minha opinião, há sempre algo a ser salvo em um humano. A arte deve reconhecer o que pode salvar alguém de seguir o caminho errado. Mas o efeito do grupo é condenável (SISSAKO, 2015, tradução nossa)⁶

Existe uma raiva e uma fúria em “Timbuktu”, mas o estilo é muito humanista e gentil. A edição e fotografia do filme são feitas de tal forma que quase induzem o espectador a um falso senso de paz e de segurança. Quando Kidane toca seu violão à noite, na tenda da família, aquele parece ser um refúgio sagrado sob as estrelas das dunas de Timbuktu. As cenas de pescaria e de pastoreio à margem do lago nos induzem a mesma calma. “Timbuktu” é um filme forte, bonito, delicado e ao mesmo tempo bruto. Mas “Timbuktu” é também um filme colorido, vivo, e repleto de cenas belíssimas, como a

⁶ No original “*Not only do I reject all forms of barbarism, I also want to believe that human beings in the wrong have the capacity to redeem themselves. This is faith. We cannot deny humanity. An act is inhuman but it is always done by someone similar to us in a way. [...] The movie aims at condemning all forms of barbarism and efforts to cover up the truth. These people are condemned because of what they do. But I gave them some humanity because if you don't, the risk is that you will lose your own humanity. I acknowledge I portray them sometimes as clumsy because I look at the individual. In my opinion, there is always something to be saved in a human. Art must recognize what can save someone from going down the wrong path. But the group effect is condemnable*” (SISSAKO, 2015).

da mulher excêntrica interpretada pela haitiana Kettly Noël caminhando de braços abertos em direção ao carro jihadista e parando à sua frente; da luminosidade no cair da tarde no lago palco do conflito em torno de GPS e o jogo de futebol imaginado, sem bola, em virtude da proibição imposta. As dunas onde vivem Kidane e Satima; e a cantora, representada por Fatoumata Diawara, cantando linda e amargamente, ao mesmo tempo em que era açoitada pela polícia islâmica.

A mulher que perambula pela cidade gargalhando e vestida com roupas coloridas e alegres oferece uns dos momentos mais visualmente impressionantes do filme na medida em que representa o desafio aos poderes constituídos (MATHEWS, 2015). E, em verdade, não há o que se fazer em relação à mulher louca da cidade – e justamente por isto ela expõe a insensatez dos próprios jihadistas. Quando ela, que carrega uma galinha em seus braços, desce para a rua, e arrasta seu vestido vermelho sobre o chão batido é como um prenúncio do drama para vir. Nas palavras da crítica de cinema Elizabeth Lequeret, com crueldade irresponsável, inteligência e elegância, Sissako encena o infilmável ao ligar o apedrejamento de um casal ao delírio do jihadista: longe de seus homens, Abdelkrim desenvolve coreografias, saltos e gestos antes de cair fortemente ao chão de terra batida (LEQUERET, 2015).

Pano de fundo que percorre todo o filme, a contraposição entre, de um lado, o envolvimento de Kidane em um evento trágico e violento envolvendo GPS, e, de outro, a violência jihadista em relação aos seus prisioneiros, não é feita sem razão. Ela visa à empatia do público, de um lado, e a crítica ao jihadismo brutal, de outro. Nas palavras do crítico de cinema Jeremy Mathews:

Em um evento há paixão, tristeza e arrependimento. No outro há apenas a brutalidade fria, insensível e arbitrária. Quando você justifica um comportamento horrível com regras religiosas, e proíbe desafios a essas regras, você não deixa espaço para a empatia. E sem empatia, não há nenhuma chance de encontrar um denominador comum (MATHEWS, 2015, tradução nossa).⁷

A crítica as atrocidades e apropriações religiosas cometidas pelos jihadistas é feita em duas importantes passagens, não sem antes estar presente na cena de abertura do filme, que retrata a destruição da arte local a tiros, como que por esporte. Primeiramente, o emblemático diálogo entre o Iman local em uma das mesquitas de

⁷ No original: *"In one event there is passion, sadness and regret. In the other there's merely cold, unfeeling, arbitrary brutality. When you justify awful behavior with religious rules, and forbid challenges to those rules, you leave no room for empathy. And without empathy, there's no chance to find common ground"*. (MATHEWS, 2015).

Timbuktu com os militantes. Eles entram na mesquita de sapatos e portando armas. O Iman contesta, e os militantes justificam-se por serem do jihad. E o Iman rebate “*você sabe o que é jihad? A religião é feita com a cabeça, e não com armas*”. Mais adiante, o diálogo se aprofunda, nesta que é a principal crítica religiosa feita de dentro do islã à militância jihadista. É logo ao início do filme que Sissako explicita a que veio explorando este que é o diálogo mais poderoso e certo da obra: “*quem sou eu para lhe dizer que desista do jihad?*” questiona o Iman. E continua “*eu vivo o jihad em mim mesmo. Se eu não estivesse comprometido em meu aperfeiçoamento moral eu seria o primeiro entre vós a dizer isto*”. Sissako vai ao âmago da questão da crítica ao jihadismo de dentro do islã: o maior jihad é o interno, aquele esforço que se trava contra si mesmo, o jihad do auto conhecimento, da instrução, da superação. A liberdade no islã está no autodomínio, não no jihad violento (RAMADAN, 2004; RAMADAN, 2014).

Em segundo lugar, outro diálogo poderoso do Iman com os líderes jihadistas é explorado. Ele declara: “*você fala contra o islã, contra os muçulmanos. Você coloca as crianças em risco na frente de suas mães e até mesmo bate nelas*”. O islã é sobre compaixão, diálogo e misericórdia, complementa o Iman. Após o sequestro de uma jovem para o casamento por um jihadista, que não havia sido autorizado por sua mãe e cujo pedido havia sido feito na ausência do chefe da família, Sissako também expõe a ponderação razoável do Iman que é ignorada pelos jihadistas. Estes declaram: “*agimos legalmente, somos os juízes da lei*”. Supostos juízes da lei divina que se veem confusos ao terem que condenar e perseguir um grupo de músicos que entoavam, dentro de sua casa, cânticos de louvor a Deus e a seu profeta. Ou que devem lidar com a oposição da dona de uma banca de peixes a usar luvas para mexer na água e que afirma “*meus pais me criaram com honra, e sem luvas*”.

A cidade dos 333 santos remove-se em suas sepulturas porque Timbuktu, “a pérola do deserto”, estava nas mãos de terroristas vergonhosamente cobertos de um manto religioso que está em desacordo com os valores da paz, tolerância, respeito e liberdade de consciência (ANNE, 2012) A trágica ironia desta película está no fato dela ter como cenário Timbuktu, a humanista e cosmopolita Timbuktu, lar da Carta de Manden⁸ um dos mais antigos documentos de Direitos Humanos do mundo, e do

⁸ A Carta de Kurukan Fuga ou Carta de Manden (1222) foi proclamada pelo Império Mandingo (Império do Mali ca. 1235-1546) e é considerada uma das constituições mais antigas do mundo. Embora principalmente de forma oral, contém um preâmbulo de sete capítulos que defende a paz social na diversidade, a inviolabilidade do ser humano, a educação, a integridade da pátria, a segurança alimentar, a

Império de Mansa Mussa, ou Kan Kan Mussa (1307-1337 DC) com longa tradição de tolerância e diversidade. Kan Kan Mussa, imperador da notável peregrinação a Meca em 1324 em sua caravana de 60.000 homens com 12 toneladas de ouro puro, que tornou Mali conhecida mundialmente. Mussa carregava tanto ouro consigo que em sua parada no Egito, a moeda egípcia perdeu seu valor e, como resultado, o nome do Mali e de Timbuktu apareceram no mapa do mundo do século XIV. Foi sob Musa que o Império do Mali se tornou um dos maiores centros culturais não somente da África, mas de todo o mundo. Sob seu patronado, vastas bibliotecas foram construídas e universidades islâmicas encomendadas. Timbuktu se tornou capital intelectual de encontro dos melhores poetas, estudiosos e artistas da África e do Oriente Médio (ASANTE & MAZAMA, 2005, p. 319).

De acordo com o diplomata Hamidou Anne, os atos bárbaros perpetrados pelos islamistas no norte do Mali são um crime contra a civilização. Timbuktu não pertence a um país. Suas relíquias históricas excedem os limites do continente, são propriedade comum da comunidade das nações. Os mausoléus profanados não deve ser um choque apenas para os muçulmanos, declara Anne, mas uma marca indelével do sofrimento para todos, independente de e atravessando as diversas convicções religiosas (ANNE, 2012).

Foi destruída a Timbuktu centro de conhecimento islâmico no deserto, das madrassas, mesquitas e universidades, a capital intelectual que traduziu ao árabe filósofos gregos como Platão, Aristóteles, matemáticos como Pitágoras, manuscritos em medicina e astronomia. A Timbuktu, onde atualmente milhares de manuscritos dos séculos XIII à XVII – impérios do Mali e Songhai - enterrados para serem protegidos contra invasores, vinham sendo recuperados, traduzidos e catalogados. Além de preservar o patrimônio grego clássico, estes manuscritos registravam sua própria história e leis, narrando as famílias de Timbuktu e preservando a poesia e histórias do Norte de África (JONES, 2013) - apesar de sua tradição de história oral. A Timbuktu patrimônio mundial da UNESCO, a Timbuktu da Madrassa Sankoré, de Leo Africanus⁹ e

abolição da escravatura por *razzia* (ou ataque), e a liberdade de expressão e de comércio. De acordo com a UNESCO, embora o Império tenha desaparecido, as palavras da Carta e os rituais associados ainda são transmitidos oralmente de pai para filho, de forma codificada dentro dos clãs malinkes como na aldeia de Kangaba. *“As cerimônias são apoiadas pelas autoridades locais e nacionais do Mali e, em particular, pelas autoridades tradicionais, que a veem como uma fonte de direito e de promoção de uma mensagem de amor, paz e fraternidade, que sobreviveu através dos tempos. A Carta Manden continua a fundamentar a base dos valores e da identidade das populações envolvidas.”* (MANDEN..., 2009).

⁹ Nas palavras do crítico de arte Jonathan Jones, em sua descrição de África, publicada em 1550, o viajante Leo Africanus *“se maravilha com os movimentados mercados de Timbuktu, onde, sob as torres de suas*

da mesquita Djingareyber. A rica e próspera Timbuktu, célebre centro de aprendizado islâmico e rota trans-saariana estratégica de comércio do ouro branco, o sal, e do ouro amarelo entre os séculos XII e XVII (HISTORY..., s/d). A Timbuktu rica, hospitaleira, humanista e cosmopolita, que no pico de sua influência, nos séculos XV e XVI, contou com aproximadamente 200 escolas e universidades que atraíram milhares de estudantes de todo o mundo muçulmano (TIMBUKTU...2015).

A tragédia humana, histórica, cultural e intelectual que representou a tomada de Timbuktu pelo Ansar Eddine é cada vez mais viva e presente. Ainda que esforços estejam sendo feitos para recuperação destes patrimônios históricos, a história se repete atualmente no Iraque e na Síria com as atrocidades sendo cometidas pelo autoproclamado Estado Islâmico do Iraque e de el-Sham (ISIS), com a destruição dos patrimônios históricos de Nimrud, Hatra e Palmira; mas também na Nigéria com o Boko Haram; no Afeganistão com o Talebã, que implodiu os Buddhas of Bamiyan; e na Somália com o al-Shabab. A realidade de Timbuktu, lamentavelmente, parece-nos cada vez mais próxima, e parece nos alcançar em uma velocidade avassaladora.

É impossível terminar “Timbuktu” sem se ver mergulhado na tristeza desta história e na beleza profunda de suas cenas. Face à humilhação e aos maus tratos perpetrados pelos cruéis, mas complexos jihadistas, “Timbuktu” conta o combate silencioso e digno de mulheres e homens, com o futuro incerto das crianças e a luta pela vida. A película é composta de vinhetas que são apresentadas sem contextualização, histórias que são deixadas em suspenso, e destinos que se revelam incertos, conferindo-lhe precisão poética e um corajoso realismo. “Timbuktu” é repleto de vida, de ironia, de poesia e de uma injustiça amarga. É de uma beleza devastadora. Mas também traz esperança. E é através dos pequenos atos de resistência que Timbuktu tenta sobreviver.

mesquitas majestosas, os comerciantes mais ricos eram livreiros”. Eles vendiam manuscritos de estudiosos árabes “sobre todos os assuntos, desde astronomia e aritmética até lei islâmica, assim como textos místicos sobre o Sufismo, o transcendental e a fé sacrossanta” (JONES, 2013).

Referências:

- ANNE, Hamidou (2012). Tombouctou ou Notre "Pari de Civilisation". Le Monde Idées. Paris, 23 de Julho de 2012. Disponível em: <http://www.lemonde.fr/idees/article/2012/07/23/tombouctou-ou-notre-pari-de-civilisation_1736511_3232.html>. Acesso em 30 Set. 2015
- ASANTE, Molefi Kete & MAZAMA, Ama (2005) Encyclopedia of Black Studies. Califórnia: Sage, p. 319.
- BRADSHAW, Peter (2015). Timbuktu Review – A Cry From the Heart. The Guardian, Reino Unido, 28 de Maio de 2015. Disponível em: <<http://www.theguardian.com/film/2015/may/28/timbuktu-review-abderrahmane-sissako-africa>>. Acesso em 30 Set. 2015
- CALFAT, Natalia Nahas Carneiro Maia (2015). O Estado Islâmico do Iraque e do Levante: Fundamentos Políticos à Violência Política. Rev. Conj. Aust., Porto Alegre, v. 6, n. 31, p.6-20, ago./set. 2015. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/index.php/ConjunturaAustral/article/view/53819/35028>>. Acesso em 05 Out. 2015
- DIARRA, Adama (2013). French, Malians retake Timbuktu, rebels torch library. Reuters. 29 de Janeiro de 2013. Disponível em: <<http://www.reuters.com/article/2013/01/29/us-mali-rebels-idUSBRE9000C720130129>>. Acesso em 02 Out. 2015
- HISTORY of Timbuktu - A Multicultural African Legacy (s/d). Timbuktu Heritage. Disponível em: <<http://www.timbuktuheritage.org/timhistory.html>>. Acesso em 02 Out. 2015.
- JONES, Jonathan (2013). Destruction of Timbuktu Manuscripts is an Offence Against the Whole of Africa. The Guardian. 28 de Janeiro de 2013. Disponível em: <<http://www.theguardian.com/world/2013/jan/28/destruction-timbuktu-manuscripts-offence-africa>>. Acesso em 02 Out. 2015.
- LEQUERET, Elizabeth (2015). Review Timbuktu. Film Comment - *Film Society of Lincoln Center*, Nova Iorque, Jan/Feb 2015 Issue. Disponível em: <<http://www.filmcomment.com/article/review-timbuktu-abderrahmane-sissako/>>.

- MALI Country Profile – Overview. BBC. Reino Unido, 21 de Maio de 2015. Disponível em: < <http://www.bbc.com/news/world-africa-13881370>>. Acesso em 02 Out. 2015.
- MALI Unwed Couple 'Stoned to Death' (2012). Al Jazeera. Doha, 30 de Julho de 2012. Disponível em: <<http://www.aljazeera.com/news/africa/2012/07/201273021254165201.html>>. Acesso em 02 Out. 2015.
- MANDEN Charter, Proclaimed in Kurukan Fuga (2009). UNESCO - United Nations Educational Scientific and Cultural Organization. Paris. Disponível em: < <http://www.unesco.org/culture/ich/RL/00290>>. Acesso em 05 Out. 2015.
- MATHEWS, Jeremy (2015). Timbuktu. Paste Magazine. Georgia, 25 de Janeiro de 2015. Disponível em: < <http://www.pastemagazine.com/articles/2015/01/timbuktu.html>>. Acesso em 30 Set. 2015
- NOVAES, João (2013). Grupos Insurgentes no Mali têm Origens e Objetivos Diferentes. Opera Mundi. São Paulo, 19 de Janeiro de 2013. Disponível em: < <http://operamundi.uol.com.br/conteudo/reportagens/26661/grupos+insurgentes+no+mali+tem+origens+e+objetivos+diferentes.shtml>>. Acesso em 02 Out. 2015
- RAMADAN, Tariq (2004). The Call to Jihad. Tariq Ramadan. 28 de Setembro de 2004. Disponível em: < <http://tariqramadan.com/english/2004/09/28/the-call-to-jihad/>>. Acesso em 02 Out. 2015
- _____. (2014). All about Jihad and Holy War in Islam by Dr. Tariq Ramadan. Why Islam. 18 de Abril de 2014. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=WaX-vh-_hFM>. Acesso em 02 Out. 2015
- ROBEY, Tim (2015). Timbuktu Review: 'A Brutal Sharia Law Fable'. The Telegraph. Reino Unido, 28 de Maio de 2015. Disponível em: <<http://www.telegraph.co.uk/film/timbuktu/review/>>. Acesso em 30 Set. 2015

- SISSAKO, Abderrahmane (2015). Timbuktu: Was Islam taken hostage? Talk to Al Jazeera, Doha, Al Jazeera, 30 de Agosto de 2015. Disponível em: < <http://www.aljazeera.com/programmes/talktojazeera/2015/08/sissako-islam-timbuktu-hostage-150828072104792.html>>. Acesso em 30 Set. 2015.
- TIMBUKTU Mausoleums in Mali Rebuilt After Destruction (2015). BBC. Reino Unido, 19 de Julho de 2015. Disponível em: < <http://www.bbc.com/news/world-africa-33587325>>. Acesso em 02 Out. 2015.
- TUAREG Leader Sent to ICC for Timbuktu Crimes (2015). Al Jazeera. 26 de Setembro de 2015. Disponível em: <<http://www.aljazeera.com/news/2015/09/tuareg-leader-icc-timbuktu-crimes-150926075226347.html>>. Acesso em 02 Out. 2015.
- WORLD Report 2015: Mali, Events of 2014 (2015). HRW - Human Rights Watch. Nova Iorque. Disponível em:< <https://www.hrw.org/world-report/2015/country-chapters/mali>> e disponível em: <<https://www.hrw.org/africa/mali>>. Acesso em 02 Out. 2015.